

O ESTRANHO TESTAMENTO DE UM VIGÁRIO DE PROVÍNCIA: AS MEMÓRIAS DE JEAN MESLIER

Maria das Graças de Souza NASCIMENTO *

RESUMO: Em 1762, Voltaire publica um pequeno livro intitulado *Extraits des Sentiments de Jean Meslier*. Trata-se de uma espécie de resumo das *Mémoires de Jean Meslier*, das quais várias cópias manuscritas circulavam entre a literatura clandestina da primeira metade do século. O interesse de Voltaire por estas Memórias é compreensível. Nelas Meslier denuncia toda forma de religião como impostura e falsidade, e anuncia uma filosofia de caráter materialista e ateu. Qual o papel que Meslier, um obscuro vigário de província, teria exercido na constituição da filosofia da luzes?

UNITERMOS: Despotismo religioso; materialismo clandestino; ateísmo; deísmo.

As cartas escritas por Voltaire a seus principais correspondentes durante os primeiros meses do ano de 1762 falam com frequência de um livro, “muito raro”, “um tesouro”, de autoria de um “suiço” desconhecido. A obra à qual Voltaire se refere, e cuja leitura recomenda a seus amigos, enviando mesmo um exemplar a alguns deles, intitula-se *Extraits des Sentiments de Jean Meslier*, publicada em fevereiro do mesmo ano. Ora, o “suiço” que escrevera o tal resumo era o próprio Voltaire. O fato de atribuir as próprias obras a outros autores conhecidos ou imaginários era comum na época, e, entre seus contemporâneos, ninguém duvidava que o texto vinha da oficina de Ferney. Como toda obra escrita ou patrocinada pelo velho filósofo, o livro foi várias vezes reeditado nos anos seguintes e amplamente lido nos meios eruditos europeus.

Quem foi Jean Meslier? Em relação à carreira gloriosa de Voltaire, sua vida foi absolutamente insignificante. Foram os acontecimentos que se seguiram à sua morte que despertaram um grande interesse. Originário de uma família pobre, Meslier nasceu na vila de Marzeny em 1678. Cedo seus pais o enviaram ao seminário, destinando-o à carreira eclesiástica. Durante seus estudos, nada o distinguiu especialmente de outros seminaristas. Ordenado padre, foi nomeado pároco da pequena cidade de Etrepigny, na região francesa da Champagne. Lá permaneceu até sua morte, em 1729, tendo vivido da mesma maneira que seus colegas vigários do interior. Segundo o estado atual das pesquisas, existem apenas dois fatos a serem assinalados na sua rotina eclesiástica: uma viagem a Paris, durante a qual ele teria tido oportunidade de discutir com outros padres o tratado de apologética de Houteville, e uma desavença com o senhor da região, a respeito das honras que este último julgava merecer do vigário. Entre os poucos livros que deixou, foram encontrados a Bíblia, os *Ensaio*s de Montaigne e o tratado de Fénelon sobre a existência de Deus. Além dos livros, uma carta dirigida aos párocos da vizinhança, e uma espécie de testamento, do qual exatamente Voltaire fará um extrato em

* Departamento de Filosofia — Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação — UNESP — 17.500 — Marília — SP.

1762. O interesse de Voltaire por este testamento é compreensível. As *Memórias* de Meslier denunciam toda forma de religião como impostura e falsidade, opõem aos fatos bíblicos a razão natural, criticam a violência e a desigualdade sociais estabelecidas a partir das representações de Deus, e, finalmente, anunciam uma filosofia de caráter nitidamente materialista. Quem poderia esperar tais propósitos da parte de um pacato vigário que durante toda a sua vida pregou a obediência à Igreja, em seus sermões demoníacos?

Sabe-se que desde 1730 várias cópias manuscritas circulavam nos meios eruditos através dos canais de literatura clandestina. Apesar da importância das *Memórias* de Meslier no debate filosófico do século XVIII, elas foram praticamente esquecidas durante o século XIX. Só muito recentemente a crítica voltou a interessar-se pelo texto, a partir da identificação, feita por Albert Soboul, Roland Desné e Jean Deprun, na Biblioteca Nacional de Paris, dos três manuscritos autografados por Meslier, e da publicação de uma edição completa de suas obras, que incluem as *Memórias*, uma *Carta aos vigários*, e um texto constituído de notas de leitura intitulado *Anti-Fenelon* (1).

O discurso ateu e materialista do século das luzes pertencente principalmente a um grupo de pensadores de meio urbano, mais precisamente parisiense, grupo que a tradição crítica costuma denominar a “coterie” do Barão de Holbach, e que, a partir sobretudo dos meados do século, produz e publica diversas obras contra a religião em geral, contra a filosofia deísta, fazendo profissão declarada ou não de ateísmo, através de escritos anônimos ou sob pseudônimos. Todavia, desde o início do século eram difundidos clandestinamente diversos textos, dentre os quais o de Meslier, da mesma natureza daqueles produzidos mais tarde pelo grupo do Barão (3). Ora, até o estado atual das pesquisas, não há indícios que nos permitam saber se Meslier estaria a par do movimento de difusão de idéias anti-cristãs do início do século. O próprio Voltaire parece reconhecer o caráter solitário da produção das *Memórias*, ao chamar Meslier de “o mais singular fenômeno que já se viu dentre os meteoros funestos à religião cristã” (2, p. 1207). O surgimento de uma certa crítica dos dogmas da religião cristã no próprio interior dos quadros da Igreja por si só não constitui um fato incomum no século XVIII. Supremamente é fato de que Meslier, isolado ao que parece das idéias anti-cristãs que floresciam na capital, tenha vindo ao encontro delas através deste testamento tão inusitado. Não pretendemos investigar as condições de produção ou as fontes do pensamento de Meslier presente nas *Memórias*. Nós nos limitaremos a apresentar as principais idéias contidas nas chamadas “provas” de Meslier e indicar alguns caminhos de reflexões sugeridos pelo texto.

As *Memórias dos pensamentos e sentimentos de Jean Meslier* começam com uma acusação que é ao mesmo tempo uma auto-acusação: o acusador também se situa a si mesmo entre os réus. O vigário inicia pedindo perdão a seus paroquianos por ter, durante toda a sua vida, pregado idéias inúteis e falsas. “Tudo o que eles (os padres) nos contam com tanta gravidade... são no fundo apenas ilusões e erros, mentiras, ficções, imposturas, inventadas primeiramente para fins e artifícios políticos, continuadas por sedutores e impostores, em seguida recebidas e acreditadas cegamente pelos povos ignorantes e grosseiros, e depois, finalmente, mantidas pela autoridade dos grandes e soberanos da terra” (1, I, p. 20). Trata-se, para Meslier, não apenas de provar que “os mistérios da religião são mistérios da iniquidade”, mas também de denunciar a falsidade do próprio princípio da religião, ou seja, a idéia de Deus. O método que ele utiliza faz lembrar o de Descartes — se provarmos a falsidade originária de uma religião, estaremos provando a falsidade de todas elas. Na sua demonstração, a religião cristã é co-

locada no mesmo nível que todas as outras. “Efetivamente, diz Meslier, ela não é menos falsa que nenhuma outra, e eu poderia mesmo dizer que em certo sentido ela é talvez ainda mais falsa e mais vã do que as outras” (1, I, p. 41).

Após esta espécie de prefácio no qual revela seus propósitos, explicando ao mesmo tempo aos leitores, seus paroquianos, que era sempre com um profundo mal estar e com uma grande repugnância que subia ao púlpito para lhes fazer sermões mentirosos, Meslier passa então ao que ele chama de “provas”. A primeira pretende demonstrar que todas as religiões são invenções humanas. Filiando-se à antiga interpretação materialista das mitologias, considera os deuses pagãos como fruto da imaginação dos homens, que costumavam considerar os imperadores e chefes como deuses, ou transformá-los em deuses após a sua morte. A paixão do povo pelos prodígios, aliada aos artifícios das autoridades fizeram com que estas ilusões durassem. Portanto, as religiões antigas são falsas. Mas também o são todas as outras. Todos os chefes religiosos, inclusive Jesus Cristo e Maomé, inventaram cada qual o seu modelo divino. Nenhuma religião foi ou é capaz de produzir provas claras e convincentes de sua instituição divina. O que elas apresentam como provas? Prodígios, milagres e a idéia de revelação. Ora, estes elementos estão presentes em todas as religiões. Se uma delas é falsa, todas o serão também, na medida em que todas, sendo diferentes e exclusivas, reivindicam a mesma espécie de fundamento. Assim, o Deus de Abraão, de Isac e de Jacó não é mais verdadeiro do que os deuses dos gregos e romanos.

Toda religião exige a fé. Mas o que é exatamente a fé? É este o objeto da segunda prova de Meslier. Em primeiro lugar, a fé é cega, sem fundamentos claros e seguros. Ter fé é crer sem raciocinar, sem buscar provas. É por isto que a crença religiosa é uma ilusão. Uma aceitação de princípios que dispensa provas e exclui a razão sempre será motivo de disputas. Por esta razão é que a religião sempre dividiu os homens, provocou lutas sangrentas, perseguições e violências.

Nas provas que se seguem, terceira e quarta, Meslier faz a crítica do Antigo e de Novo Testamento, recusando as interpretações místicas e alegóricas da Escritura. Para ele, somente a loucura dos homens pode atribuir a um Deus a instituição de sacrifícios e fazê-los acreditar em profecias que nunca se realizaram. Nas margens de suas páginas de crítica bíblica Meslier escreve, por várias vezes a expressão “*puerilla sunt haec et vana et risu digna*”.

A quinta prova trata da demonstração da falsidade da doutrina e da moral cristãs. O primeiro erro doutrinário do cristianismo é o dogma da Trindade. O segundo diz respeito à idéia da encarnação divina. A linguagem de Meslier ao se referir a Jesus Cristo, supostamente Deus feito homem, é de uma violência inesperada. Segundo as palavras do vigário, Jesus não passou de um louco, um fanático, um visionário. Sua pregação foi ambígua, enganadora, extravagante. “Ele não passou de um homem de nada, um homem vil e desprezível, sem espírito, sem talento, sem ciência...” (1, I, p. 414). Não se trata apenas, para Meslier, de destruir a idéia da divindade de Jesus Cristo, mas de, para além disto, desmistificar a sua pregação, que foi apenas fruto de uma imaginação desregrada, e com a qual o gênero humano não tem nada a aprender. O terceiro erro da doutrina cristã se refere ao sacramento da Eucaristia. Tal dogma dá origem a um culto tão primitivo quanto o culto dedicado aos deuses de barro e de madeira dos pagãos. A adoração de um deus “feito de massa de farinha” não deixa de ser uma forma de idolatria. A estes três erros, os cristãos acrescentam outros, como o da criação e do pecado original. Ainda nesta prova, Meslier assinala os três erros fundamentais da moral cristã, que consistem, em primeiro lugar, na afirmação de que a virtude consiste no amor

ao sofrimento, em segundo lugar, na condenação das paixões naturais do homem como vícios, e, por último, o que é mais grave, na aceitação e mesmo na recomendação de práticas que destroem a justiça e a igualdade naturais. A moral cristã é contrária à natureza.

A Igreja cristã sempre autorizou e praticou abusos, injustiças, violências. Os homens são iguais por natureza e o cristianismo legitimou a desigualdade de condições. Em seu próprio seio a Igreja sustenta um clero ocioso, opulento, cujas atividades não têm nenhuma serventia a não ser a de esmagar e arruinar os povos. É na sexta prova que Meslier desenvolve este veio social de suas *Memórias*. Ele propõe a substituição da sociedade estabelecida a partir dos princípios opressores da religião cristã por uma outra, fundada na propriedade coletiva dos bens. É a propriedade que está na base de toda tirania, e esta é sempre sustentada pela cumplicidade que se estabeleceu entre os soberanos e o clero.

Sucintamente podemos dizer que as cinco primeiras provas são constituídas pela crítica da religião, e que a sexta introduz as propostas sociais que decorrem necessariamente desta crítica. As duas últimas provas, sétima e oitava, podem ser consideradas como a parte mais filosófica das *Memórias*. Na sétima, que se compõe de argumentos contra a existência de Deus, o principal alvo das críticas são as demonstrações da existência de Deus de Fenelon. Uma vez negada a existência de um ser divino e a idéia da criação do mundo, resta que “o ser, ou a matéria, que são uma e mesma coisa, só pode possuir sua existência e seu movimento por si mesmo” (1, II, p. 237). É esta proposição fundamental do materialismo de Meslier, que ele opõe às proposições de todos aqueles que denomina “deícolos” e “cristícolos”. As partes da matéria, juntando-se, unindo-se diversamente umas às outras, compõem por si mesmas todos os corpos. “O ser material é o único e verdadeiro ser” (1, II, p. 430).

Eliminada a dualidade Deus/mundo, resta eliminar também a dualidade corpo/alma. Meslier faz consistir sua oitava e última prova na refutação da tese da existência e da imortalidade da alma. Para ele, recorrer à idéia de uma alma espiritual para explicar o homem é tão inútil quanto recorrer à idéia de Deus para explicar o mundo. “Nós sentimos, diz Meslier, interiormente e exteriormente por nós mesmos, que somos apenas matéria, e que nossos pensamentos mais espirituais são apenas matéria em nosso cérebro, e que eles dependem da constituição material deste cérebro.” (1, III, p. 118-119). Aquilo que chamamos de alma é constituído por uma espécie de matéria mais maleável e mais sutil. A alma não é portanto nem espiritual nem imortal. Ao contrário, ela é de natureza estritamente física, como os outros corpos da natureza.

Meslier encerra suas *Memórias* com um apelo que ressoa familiarmente aos ouvidos do século XX: “Uni-vos, pois, povos, se sois sábios, uni-vos todos... para vos libertar de todas as misérias comuns” (1, III, p. 147).

O conteúdo das *Memórias* é realmente audacioso. De um lado, os apologistas cristãos do século XIII não encontraram grandes dificuldades para refutá-las, do ponto de vista teórico, na medida em que o texto de Meslier é muito mais sedutor do que rigoroso. Mas, de outro lado, do ponto de vista social e político, as *Memórias* possuem um caráter revolucionário que não será encontrado nos textos da “coterie” holbachiana.

Para Meslier, por trás das significações sobrenaturais da história, é preciso buscar a mistificação política. A impostura providencialista entretém a tirania monárquica e clerical. A ordem da natureza só revela o movimento da matéria. O ser necessário não se confunde com o ser perfeito. Meslier recusa a noção de uma “sagesse” divina que conduziria o mundo. Recusa também a justificação do mal, negando seu efeito purifi-

gador, e a ilusão compensatória de uma felicidade futura. Os povos são chamados a se tornarem a sua própria providência. A verdadeira redenção é a libertação da escravidão, da idolatria, da superstição, da tirania. É preciso libertar o homem de uma culpabilidade opressora. “É preciso tirar os povos do engano, e libertá-los da dominação tirânica dos ricos, dos nobres e dos grandes da terra, assim como dos erros e das vãs superstições das religiões” (1, III, p. 18). A libertação do erro é também a libertação da opressão em geral. O projeto revolucionário de Meslier toma sentido na perspectiva da emancipação de todos os povos. Para ele, doravante, “é tempo de pôr fim à tirania” (1, III, p. 193). Os povos têm necessidade de uma libertação real, mais real do que aquela que foi oferecida por Jesus Cristo. O verdadeiro pecado original é a pobreza, e a única redenção possível é a libertação da situação de miséria em que os povos se encontram. Ora, a libertação da miséria ocorrerá com a libertação do engano e da ignorância na qual a religião mantém os povos.

A leitura das *Memórias* de Meslier, ao mesmo tempo tão próxima dos ideais do iluminismo e tão distante deles pelas condições de sua produção, nos induz à colocação de certas questões sobre a própria história do materialismo. A primeira delas diz respeito à estrutura interna do texto e suas relações com o discurso religioso ao qual as *Memórias* pretendem se opor. Ao analisarmos o discurso de Meslier, temos a impressão de estarmos diante de um discurso religioso às avessas. Tomemos, por exemplo, a sua concepção de povo. Inicialmente, o conceito aparece no interior da oposição “povo/grandes da terra”, que situa a noção numa dualidade de termos antagônicos. De outro lado, o conceito é sempre associado a outros que evocam opressão, miséria, ignorância. O povo, segundo Meslier, “geme, diariamente, sob o jugo insuportável da tirania e das vãs superstições” (1, III, p. 187). Tal como o povo de Moisés, ele aguarda o momento da libertação. Todavia, a libertação não será conquistada se não houver chefes, guias que possam convencer os povos da condição de sujeição na qual vivem, e que ignoram. A quem cabe esta tarefa de libertador? “Cabe, diz Meslier, aos sábios a tarefa de dar aos outros as regras e as instruções da verdadeira sabedoria, que deve igualmente afastar todos os erros e todas as superstições, assim como de todos os vícios e maldades, e a de ensinar aos homens a fazer bom uso de todas as coisas” (1, III, p. 190). Curiosamente, Meslier acredita que é exatamente dentre os homens do clero que se deve procurar estes sábios. Não dentre os ricos e nobres, nem dentre os prelados e bispos, mas dentre os padres como aqueles aos quais se dirige em sua carta, e que, como ele mesmo, presenciam em sua vida diária a miserável condição dos povos. “Sendo necessário, diz Meslier, aos vigários aos quais se dirige em sua carta, que em todas as repúblicas e em todas as comunidades bem regradas, haja pessoas sábias e esclarecidas para instruir os outros nas ciências naturais e nos bons costumes, sereis muito próprios para esse trabalho...” (1, III, p. 192). E o autor não hesita em reproduzir imagens bíblicas ao dizer que os padres, como pessoas instruídas, têm o dever de proteger os povos do erro e da iniquidade, como o pastor protege as suas ovelhas (1, III, p. 194).

Foi sobretudo ao refletirmos sobre esses aspectos do discurso do vigário que julgamos encontrar nele traços típicos do discurso religioso, empregados evidentemente como num espelho. O primeiro deles reside na consideração de que há uma verdade a ser revelada, o segundo na afirmação de que há alguns escolhidos aos quais foi concedido perceber tal verdade, e que a partir daí têm como missão transmiti-la aos outros. Mas há outros componentes religiosos neste discurso anti-religioso. Por exemplo, Meslier usa citações bíblicas para demonstrar seus argumentos. O Evangelho de São Mateus afirma que “se um cego conduz outro cego, os dois cairão no abismo”. Esta frase do

Evangelho é habilmente utilizada por Meslier no interior de sua argumentação contra o conceito de fé. Ter fé é crer cegamente. Assim, quem se orienta pela fé não pode dirigir ninguém (1, III, p. 185). Procedimentos desta natureza são abundantes no decorrer das *Memórias*.

Há ainda um outro traço extremamente curioso quanto à questão das relações das *Memórias* com o universo religioso que o texto quer exorcizar. Ao criar a sua utopia comunitária, as fontes de Meslier são, de um lado, a comunidade cristã primitiva e, de outro, a comunidade monacal tal como existia ainda em mosteiros da província. O que o atrai nessas duas comunidades é a maneira de viver em comum, que, segundo ele, é a melhor e a mais conveniente para os homens. Purificada da mentira que lhes serve de fundamento, a comunidade cristã primitiva e as comunidades monacais devem servir de modelo para a construção das comunidades humanas em geral. Trata-se de manter a forma, invertendo o conteúdo do fundamento. Para os cristãos, o fundamento é Deus, um falso fundamento, segundo Meslier. O verdadeiro fundamento para ele é a matéria, “o grande todo”, “único e verdadeiro ser”. Mas a natureza da relação que se estabelece com o fundamento é religiosa, absoluta.

Para finalizar, uma reflexão sobre as relações do discurso de Meslier com o discurso materialista das luzes. A divulgação das *Memórias* não se fez a partir dos originais, mas através de compilações. Naigeon publicou textos escolhidos do original. Holbach, em 1772, publicou uma compilação denominada *Le bon sens puisé dans la nature, suivi du testament de Jean Meslier*, e, mais tardiamente, em 1789, Sylvain Marechal escreveu um *Catéchisme du curé Meslier*. A característica principal dessas publicações é a de ter conservado o ateísmo manifesto das *Memórias*, deixando porém de lado toda a crítica social. Mas o grande veículo de divulgação de Meslier foi o *Extrait* de Voltaire. Ora, sabe-se que o texto publicado por Voltaire constituiu-se como um trabalho redutor que alterou seriamente o texto original. O extrato de 1762 conserva tudo o que se refere à crítica do cristianismo, mas elimina as provas que tratam das conseqüências sociais do despotismo religioso, da falsidade das demonstrações da existência de Deus e da falsidade das demonstrações da existência de uma alma espiritual, e, finalmente, contra toda fidelidade ao texto original, inclui uma prece final na qual Meslier pede a Deus (ao de Voltaire, certamente), que reconduza os homens aos caminhos da religião natural, transformando Meslier num deísta voltaireano. Se o iluminismo conheceu Meslier a partir do resumo de Voltaire, resta saber qual o lugar que o verdadeiro Meslier teria ocupado na filosofia das luzes. Será que o Meslier original interessaria apenas a nós, críticos atuais, que entramos tardiamente em cena, e não aos reais atores da filosofia das luzes, que, por sua vez, estariam sempre lidando com o Meslier de Voltaire?

NASCIMENTO, M. das G. de S. — L'étrange testament d'un curé de province: Les **Mémoires** de Jean Meslier. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 8:71-77, 1985.

RESUMÉ: En 1762, Voltaire publie un petit livre intitulé Extraits des sentiments de Jean Meslier. Il s'agit d'un abrégé des Mémoires de Jean Meslier qui circulaient comme littérature clandestine dans la première moitié du XVIIIe siècle, sous forme de copies manuscrites. L'intérêt de Voltaire pour ces Mémoires est compréhensible. Elles dénoncent toute religion comme imposture et fausseté et annoncent une philosophie matérialiste et athéiste. Quel rôle cet obscur vicaire de province aura exercé dans la constitution de la philosophie des lumières?

UNITERMES: Matérialisme clandestin; athéisme, déisme; despotisme religieux.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MESLIER, J. — *Oeuvres*. Edição apresentada por Jean Deprun, Roland Desné e Albert Soboul. Paris, Anthropos, 1970. 3 v.
2. VOLTAIRE, J. M. A. de — *Extraits des sentiments de Jean Meslier, Mélanges*. Paris, Gallimard, 1965.
3. WADE, J. O. — *The clandestine organisation and diffusion of the philosophic ideas in France from 1700-1750*. Princeton, Princeton Univ. Press, 1938.